

## **Narrativas literárias no webjornalismo brasileiro: modo de fazer<sup>1</sup>**

Ana Daniella FECHINE<sup>2</sup>

Aluna da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Esdras Marchezan SALES<sup>3</sup>

Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo identificar as marcas literárias presentes em três textos jornalísticos, produzidos para a web, e que podem ser incorporados dentro da técnica do jornalismo literário. Para isso, trazemos um breve pesquisa bibliográfica sobre essa relação entre literatura e jornalismo, passando por estudos do *New Journalism* norte americano, com Tom Wolfe, e do Periodismo Narrativo, na América Latina, com Darío Jamarillo, encerrando com as experiências brasileiras que “beberam das duas fontes”. A partir dos autores e das análises que fundamentam a discussão, será discutido o espaço que os textos de profundidade e imersão recebem no jornalismo brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; literatura; imersão; jornalismo literário; webjornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

A relação do jornalismo com a literatura não solicita uma data histórica para marcar o seu início. Com redações de jornais formadas, muitas vezes, por escritores, os jornalistas foram, por algum tempo, literatos que escreviam notícias e, por conseguinte, aproximavam a informação factual do caráter também estético da narrativa. No Brasil, por exemplo, muitos folhetins escritos nos jornais foram transformados em produções literárias. Neste contexto, o jornalismo passa a incorporar a literatura como técnica, indo de encontro ao que conhecemos desde o primário jornalístico de pirâmide invertida<sup>4</sup>.

Embora com nomes brasileiros marcantes como João do Rio, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, entre outros, a literatura como técnica utilizada pelo jornalismo ganha impulso em 1960, com a imprensa norte-americana, que batiza as técnicas de imersão e profundidade como *New Journalism* ou Novo Jornalismo, ainda

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante do 7º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: [danifechine@gmail.com](mailto:danifechine@gmail.com).

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [esdrasmarchezan@gmail.com](mailto:esdrasmarchezan@gmail.com).

<sup>4</sup> De acordo com Canavillas (2006), a técnica da pirâmide invertida organiza a notícia colocando a informação principal do texto para o primeiro parágrafo, o que chamamos de lead, respondendo as seis perguntas essenciais: o que, quem, como, onde, quando e por que. O menos importante, no entanto, é deixado para o final do texto.

que a relação entre jornalismo e literatura tenha surgido com o realismo social de Dickens e Balzac. Em 1965, a técnica do novo jornalismo ganhou força com a publicação do "romance de não ficção" *A sangue frio*, de Truman Capote. O texto estampou as páginas do *The New Yorker* e, posteriormente, ganhou o formato de livro. O termo "new journalism" ganhou abordagem oficial em 1973, após o manifesto do novo jornalismo escrito por Tom Wolfe. (PENA, 2011). Muitos consideram o "New Journalism" americano como uma escola, que em sua época assumiu uma postura de quebrar com as regras do texto jornalístico, ousando e aplicando na narrativa jornalística técnicas comumente utilizadas na literatura.

A insatisfação com o texto objetivo e as regras impostas pelo lead "quadrado", com informações que respondiam a perguntas básicas e diretas, também deu origem ao movimento na América Latina, conhecido como *Periodismo Narrativo ou Periodismo Literário*. A técnica jornalística - ou periodística, como preferem os latinos - fez escritores de grande prestígio surgirem com suas ideias inovadoras, como é o caso de Gabriel García Marquez, o "Gabo". As características são semelhantes, mas o produto final dos textos apresentam suas diferenças.

Embora a história seja positiva para os jornalistas literários, o século XXI, com a decadência do impresso e o fortalecimento do webjornalismo, não aparece como um espaço aberto também para o texto em profundidade. O repórter esbarra em um grande obstáculo para seguir com a sua proposta, respeitando o avanço: o espaço da web reservado, em grande maioria, para as *hard news*, as notícias de rápida veiculação e alcance, pautadas na pirâmide invertida e na rapidez da informação.

No entanto, ainda que os espaços para o jornalismo literário tenham sido suprimidos, com o alto número de demissões entre veículos de comunicação no Brasil e com a crise do impresso, o surgimento de novas plataformas online fez surgir um novo nicho de produção: as produções independentes e as narrativas *longform*, estas últimas caracterizadas pelo texto de longa dimensão, com recursos multimídias e o texto como elemento principal da narrativa.

Espaços como o *Repórter de Rua*, *Brio*, *Calle 2*, *Arruar* e segmento de crônicas do *El País*, são exemplos próximos que ajudam a refletir sobre o espaço segmentado do jornalismo e como as produções precisaram se canalizar para ganharem os seus espaços. A partir desses exemplos, o presente artigo pretende analisar as características de três narrativas, retiradas de diferentes veículos, a partir dos elementos literários propostos

pelo novo jornalismo norte americano, pelo periodismo literário latino-americano e pelo jornalismo literário no Brasil, que mescla características das duas linhas de estudo. Foram escolhidas para esta análise a reportagem *Garimpeiros*, do coletivo Repórter de Rua<sup>5</sup>, *A morte do caboclo d'água*, do Brio, site de jornalismo independente<sup>6</sup> e *Belo Monte: vítimas de uma guerra amazônica*, de Eliane Brum para o El País<sup>7</sup>.

### **New journalism: surge o romance de não-ficção**

Embora alguns autores e termos sejam mais recorrentes quando falamos em jornalismo literário, a utilização das técnicas surgiu antes mesmo de se pensar a reportagem com valor estético associado à literatura. Quando o novo jornalismo triunfou com o livro *A sangue frio*, de Truman Capote, a América do Norte e o Brasil, do século XX, já demonstravam grande afinidade com a técnica literária incorporada ao jornalismo, mas com outras nomenclaturas e diferentes perspectivas.

O novo jornalismo, portanto, nasce de uma discussão já em voga para tratar a realidade da mesma forma como ela é vista: Honoré de Balzac e Charles Dickens chamaram essa escola de realismo social, uma forma de "aplicar ao relato da realidade as técnicas narrativas que empregavam no trabalho de ficção" (LIMA, 2003, p. 11), reproduzindo o real "à semelhança do que faria a reportagem mais tarde." (LIMA, 1993, p. 141).

Os escritores do realismo social – movimento que teria repercussão na América do Norte e no Brasil do século XX, através de nomes como John dos Passos, William Faulkner, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos – haviam aberto o precedente do desenvolvimento de recursos eficazes como a técnica de símbolos do status de vida. Pesquisavam minuciosamente uma situação real – o modo de falar das classes marginais em Londres, os hábitos da classe burguesa decadente de Paris – para posicionar, naquele contexto, sua narrativa de ficção. (LIMA, 2003, p. 11)

Portanto, o jornalismo bebe da fonte literária mesmo antes do surgimento do novo jornalismo, que serviu como um aprimoramento das técnicas e trouxe inovação à proposta. Agora, com um jornalismo também de autor (LIMA, 2003), o novo

<sup>5</sup> MARCHEZAN, E. *Garimpeiros*. **Repórter de Rua**. Natal, julho 2014. Disponível em: <http://www.reporterderua.org/garimpeiros/>. Acesso em: 5 mar 2017.

<sup>6</sup> SALVO, M. P. de; MENDES, K. *A morte do caboclo d'água*. **Brio**. [S.l.], janeiro 2011. Disponível em: <https://medium.com/brio-stories/ato-1-b141fc0ec404>. Acesso em: 5 mar 2017.

<sup>7</sup> BRUM, E. *Vítimas de uma guerra amazônica*. **El País**. Altamira, setembro 2015. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391\\_549192.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html). Acesso em: 5 mar 2017.

jornalismo coloca em destaque nomes que até hoje são citados como pais das técnicas literárias incorporadas às reportagens, são eles Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolfe, Lilian Ross, Norman Mailer, John Hersey, entre outros. No Brasil, o nome de Euclides da Cunha ganha destaque com a cobertura da Guerra de Canudos e a escrita detalhada dos acontecimentos. O impacto, no entanto, do realismo social com esses autores esteve ligado, principalmente, a produção de ficção, partindo de um processo inverso: o uso de técnicas jornalísticas para a escrita de ficção.

Nos Estados Unidos, o jornalismo começa, de fato, a utilizar a literatura nos anos 60 e atinge o seu *boom* em meados de 1965 com a publicação do livro *A sangue frio*, que "recriou diálogos interiores e reconstruiu a atmosfera de cada cena." (PENA, 2011, p. 53). O livro inaugurou, para Capote, um novo gênero, o qual ele chamou de "romance de não-ficção", após passar seis anos em busca da real história sobre o assassinato da família Clutter, em uma cidade no estado do Kansas. Capote buscou não apenas o fato, mas também os seus autores e mergulhou no mundo de Dick e Perry, os grandes responsáveis pelo crime.

Esse novo jornalismo ganha espaço a partir da insatisfação de muitos jornalistas com o que Lima (2003) chama de "jornalismo convencional", aquele que responde direta e objetivamente a perguntas universais - o que, quem, como, quando, onde e porque. Além disso, não permite o envolvimento do repórter com a fonte e não utiliza do processo de imersão no tema da reportagem.

Já o jornalismo literário, conforme Wolfe (2005) deixou registrado, utiliza técnicas que aprimoraram a escrita e transformam o jornalismo também em valor estético. De acordo com o autor, no novo jornalismo existem quatro recursos textuais básicos: a descrição cena a cena, o registro completo dos diálogos com os personagens, o ponto de vista da terceira pessoa, isto é, de diferentes personagens, e o registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes e todos os detalhes que são essenciais para a descrição do personagem, o que desencadeia num forte processo de observação.

### **Periodismo literário: um jornalismo latino**

Seria, portanto, ingênuo e egoísta afirmar que apenas os Estados Unidos foram os responsáveis por impulsionar a convergência entre literatura e jornalismo. A América Latina é também um dos grandes expoentes do que podemos chamar de periodismo literário. A origem dessa convergência entre literatura e jornalismo começa com as

crônicas dos conquistadores espanhóis, seguida pela crônica de costumes, já no século XX, e finalizando com a crônica modernista. (AGUDELO, 2012).

A narrativa jornalística com uso das técnicas literárias, que se apresenta como um aperfeiçoamento da crônica modernista, também atingiu seu auge na América Latina entre os anos 60 e 70, com expressão para os jornalistas e escritores Juan Carlos Onetti, Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar, Gabriel García Marquez, entre outros. (AGUDELO, 2012).

No entanto, após essa fase, foi necessário reestruturar a maneira de se fazer jornalismo, mudando o modelo de leitor, o modelo da escrita e as técnicas dos escritores, para reciclar o *boom* do jornalismo literário, que já havia perdido um pouco da sua força. Começou a surgir, portanto, a produção em primeira pessoa "sem a urgência de produzir notícias." (AGUDELO, 2012, p. 11, tradução minha).

Os "novos jornalistas" aproveitaram as características apresentadas e desenvolvidas por Wolfe e outros atores da "novela realista" (AGUDELO, 2012). No entanto, implementaram um toque pessoal e bastante singular para a narrativa jornalística latinoamericana. As diferenças, na teoria, parecem ser pequenas, mas na produção completa do texto, as narrativas dos periodistas da América Latina apresentam uma aparência e uma definição de crônica que abarca, por sua vez, a literatura.

Agudelo (2012) utiliza a definição de Carlos Monsiváis, considerado um dos pais fundadores do periodismo narrativo latino-americano do século XXI. Ele define a crônica jornalística como uma reconstrução literária de fatos ou personagens onde o compromisso formal com o texto é superior a preocupação com as "urgências informativas." (AGUDELO, 2012, p. 12).

A relação com a crônica, portanto, dá ao jornalismo latino-americano a característica literária propriamente dita, com o uso de figuras de linguagem, diálogos expansivos e um relato jornalístico intimista, com forte observação nos detalhes. Já o novo jornalismo utiliza a carga literária com certo exagero, tendo em vista que o jornalismo gonzo<sup>8</sup> de Hunter S. Thompson é originário dessa vertente. Desta forma, utiliza um número maior de onomatopéias e apresenta, quase sempre, a necessidade de passar ao leitor a sensação dos sons e dos barulhos que uma reportagem pode transmitir.

---

<sup>8</sup> Vertente jornalística originada nos Estados Unidos com característica principal a experiência do autor/jornalista na apuração e produção da reportagem. O modelo se firmou através do jornalista Hunter S. Thompson.

Para dar sustentação a essas definições, Agudelo (2012) propõe quatro características fundamentais para o texto literário e jornalístico na América Latina, são elas a imersão nos fatos, nas situações e na história dos personagens, o uso dos verbos em primeira pessoa - o que permite maior aproximação com o que se fala, exatidão dos relatos e dimensão simbólica, o que está além dos fatos ou, até mesmo, as intenções do repórter.

### **Jornalismo literário: a adaptação brasileira**

No Brasil, a junção da literatura com o jornalismo começa com o folhetim, que se popularizou no país como romance-folhetim, proporcionando ao público uma literatura de ficção no jornal, mas com aspectos reais da cena cotidiana, com publicação uma periódica. "O folhetim democratizou a cultura, possibilitando o acesso do grande público à Literatura e multiplicando o número de obras publicadas". (PENA, 2011, p. 31).

A título local, Machado de Assis, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, Aloísio de Azevedo, o próprio Euclides da Cunha, entre tanto outros escritores brasileiros, deram início ao jornalismo literário através do folhetim, até o século XX, quando começaram a encerrar as suas passagens pelas redações de jornais.

Alguns veículos também foram fundamentais para a manutenção do jornalismo literário no Brasil. O jornal *O Cruzeiro* (1928) é um deles, apresentando um segmento mais literário ao texto. Mas o grande destaque, no entanto, fica com a revista *Realidade*<sup>9</sup>, que nos anos 60, dirigida por Paulo Patarra, "produzia um jornalismo baseado na reportagem social, na discussão crítica da moral e dos costume, mostrando um Brasil real, em profundas transformações". (KUCINSKI, 1991, p. 20). Além disso, o jornalismo da revista *Realidade* demonstrava grande aproximação com o que, na época, estava sendo desenvolvido pelos norte-americanos, o Novo Jornalismo, com uma preocupação estética muito maior que os outros períodos nacionais.

Outros autores, de importante expressão nessa vertente do jornalismo, também precisam ser citados, antes de entrarmos na produção do século XXI. João do Rio e Nelson Rodrigues trouxeram consigo os textos de cotidiano e as expressões da cena brasileira do século XX, com "observação detalhada da realidade". (LIMA, 1993, p.

---

<sup>9</sup> Publicação mensal da Editora Abril, com lançamento em 1965.

165). Repórteres também como Joel Silveira, David Nasser e Edmar Morel ganharam grande expressão com os livros-reportagem.

Felizmente, todos esses autores deixaram legados suficientemente inspiradores para a manutenção do jornalismo literário no Brasil mesmo em um momento de rápido avanço tecnológico e escassez do texto mais aprofundado. Eliane Brum, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena, são nomes que, além dos textos jornalísticos com uso das técnicas literárias, apresentam fortes críticas e análises do que se é produzido atualmente e deixam também as suas marcas na produção brasileira.

### **Marcas literárias em narrativas do webjornalismo brasileiro**

Classificar um texto jornalístico como literário requer um pouco de cuidado. Muitas vezes supervalorizado, a reportagem literária é colocada em pedestal, taxada como "bom jornalismo". No entanto, literatura não é sinônimo de superioridade, mas sim de acréscimo ao que já se faz no jornalismo. Detectar essas marcas literárias é afirmar que, aquele texto em específico, pode ser chamado de jornalismo literário, mas também pode ganhar outras nomenclaturas, como jornalismo narrativo, em profundidade, e que não significam, exatamente, o texto jornalístico por excelência.

O texto de Eliane Brum, primeiro a ser analisado, está inserido na editoria de política do site do El País, versão brasileira. Com o título *Vítimas de uma guerra amazônica*, Brum traz a construção da hidrelétrica de Belo Monte a partir de dois personagens que representam uma população que foi expulsa do seu território. A reportagem, ao lado das outras duas analisadas a seguir, faz parte de uma narrativa *longform*. Segundo Longhi e Winkes (2015, p. 112),

ainda que não se trate de um termo exclusivo do ambiente online e digital de informação e comunicação – *longform*, na língua inglesa, sempre foi um termo utilizado para definir o tratamento mais longo e aprofundado de um tema.

Portanto, essa classificação estaria atribuída ao texto profundo e extenso, normalmente em um só padrão de leitura, mas muitas vezes com a utilização de recursos multimídias.

A reportagem de Eliane Brum foi publicada no dia 22 de setembro de 2015 e começa com a apresentação de dois atos, que servem de introdução para o restante do texto. Esse recurso diferenciado é uma das marcas da reportagem de Eliane que a torna literária, tendo em vista que há uma mudança estrutural e estética do texto, com toques da dramaturgia.

Eliane utiliza um texto pessoal próprio da literatura, mas não deixa de expor as marcas já apresentadas por Wolfe (2005), quando narra com detalhes diálogos, cenas, expressões e emoções dos personagens, capazes de transportar o leitor para dentro da história.

Com algumas análises das declarações de suas fontes, Brum também se coloca no texto. Não com o uso da primeira pessoa do singular, mas com conclusões acerca dos diálogos apresentados. "João repete a interrogação 'entendeu' muitas vezes. Depois de escutá-lo por algum tempo percebe-se que não é uma bengala de linguagem, como se poderia supor, mas sua certeza de não ser compreendido" (BRUM, 2015).

O resgate histórico e pessoal de cada personagem é mais uma marca da literatura incorporada ao texto, que fornece à reportagem de Eliane a profundidade e a imersão, possibilitando uma leitura mais densa e, ao mesmo tempo, mais próxima do leitor.

Além disso, Brum utiliza uma técnica muito empregada pelos escritores do Novo Jornalismo: expressões utilizadas pelo entrevistado, tal qual como foram ditas. Os novos jornalistas também assumiam o exagero por pontuações e exclamações. "'Eu olhei ele, ele *olhonimim*.' Foi assim, entre o azulado do olho de João e o negro de Raimunda, que se quiseram de imediato" (BRUM, 2015).

Eliane Brum também utiliza da metáfora e das associações para dar mais peso ao seu texto jornalístico. "Belo Monte é o nó que, quando totalmente desfeito, revelará o Brasil." (BRUM, 2015). A hipérbole também é uma figura de linguagem explorada pela jornalista, que não economiza nas características literárias para deixar o texto *longfrom* mais leve. "'Eu não tenho casa. Entendeu? Eu tou fora. Me perco. Não sei onde tou. Perdi o rumo de tudo', inflama-se, os olhos de rio, mas um rio de amazônica tempestade" (BRUM, 2015).

### **A morte do caboclo d'água**

Reportagem publicada no Brio, um perfil na plataforma *medium* direcionado para grandes-reportagens em profundidade, *A morte do caboclo d'água* foi escrita pelas jornalistas Maria Paola de Salvo e Karla Mendes. Com estrutura *longfrom* semelhante a reportagem de Eliane Brum já analisada, esta também foi dividida em atos, como se representasse uma peça teatral. A diferença é que a reportagem do Brio foi publicada em formato semelhante ao folhetim: a cada dois ou três dias, um novo ato era publicado. O ato 1 foi publicado no dia 6 de janeiro de 2016, seguido do ato 2 no dia 11 de janeiro,

ato 3 no dia 15, seguido do ato 4 no dia 19 e finalizando com o quinto ato no dia 22 do mesmo mês. Essa divisão estética e estrutural organizou melhor o texto, principalmente no que tange a sequência narrativa. São atos de uma história real sobre o desastre na cidade de Mariana, em Minas Gerais, com o rompimento da barragem de Fundão, da empresa Samarco. A história contada pelas jornalistas parece ficção, mas é realidade.

Também fazendo parte dessa marca da dramaturgia, a reportagem utiliza a ferramenta da ilustração com toques de realidade, fornecendo ao texto uma aparência mais literária do que jornalística.

Bem semelhante com a estrutura da reportagem de Brum, o texto do Brio não apresenta multimidialidade, mas explora bem os diálogos e declarações dos personagens, demonstrando aprofundamento do tema e registro completo dos diálogos, característica proposta por Wolfe (2005).

A reportagem foi exibida pela primeira vez, como dito acima, no dia seis de janeiro, dois meses após o desastre. O texto não apresenta informações sobre o desastre, trata do assunto como se já fosse hábito nas bocas das pessoas. A proposta, no entanto, é explorar os impactos causados pela tragédia. A história passa a ser contada pela versão dos personagens, o que corresponde a terceira característica sugerida por Tom Wolfe (2005, p. 54):

a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta.

Para fundamentar essa abordagem diferenciada, a reportagem não deixa de fornecer dados e informações para embasar o texto. "Com 3 mil empregados diretos e 3,5 mil terceirizados [...] ela é a décima maior exportadora do Brasil. Localizada entre Mariana e Ouro Preto, [...], a unidade de Germano é um complexo gigantesco" (SALVO, MENDES, 2016).

Nesta reportagem, a principal marca do jornalismo literário não é a sensibilidade, que percorre boa parte do texto de Eliane Brum, por exemplo. Aqui se faz mais presente a estrutura, o formato e a estética diferenciados, bem como a escolha do ponto de partida para início da produção: o personagem.

*A morte do caboclo d'água* também não dispensa as figuras de linguagem, principalmente no que diz respeito ao uso da metáfora. "Pois a lama já lambe a entrada do povoado" (SALVO, MENDES, 2016).

## **Garimpeiros: vida e morte embaixo da terra**

Das três escolhas, a produção do coletivo independente de reportagem Repórter de Rua é a única que apresenta recursos multimídias, uma característica marcante da estrutura *longform* (LONGHI; WINQUES, 2015), com fotografias em movimento e pequenos vídeos que intercalam os textos e as imagens.

O produto se traduz, portanto, em uma grande reportagem multimídia, definida por Longhi e Winques (2015, p. 7) como uma versão que possibilita "novas estratégias de convergência multimídia e leitura". Ainda conforme a autora, esse formato se consolidou em meados de 2012, com o surgimento da linguagem do HTML5. Assim sendo, são reportagens que exigem mais dedicação, aprofundamento e uma equipe numerosa. O fator tempo também é indispensável, tendo em vista que a apuração da grande reportagem multimídia requer detalhes e uma produção que vai além do texto: envolve imagens, vídeos e uma estruturação da plataforma que requisita tempo.

A grande reportagem multimídia surge, portanto, como uma renovação dos cadernos especiais dos jornais impressos, que escolhiam um tema e se debruçavam sobre ele, com o nascimento de uma ampla reportagem, com diagramação própria, identidade visual também singular, fotografias mais trabalhadas e mais de um repórter à disposição do material. A grande reportagem multimídia, como *Garimpeiros*, do coletivo Repórter de Rua, é o caderno especial do impresso protagonizado em outra plataforma: a internet.

*Garimpeiros* conta a história de homens que vivem do garimpo na divisa do Rio Grande do Norte com a Paraíba. Característica importante e que chama a atenção na reportagem do coletivo independente é a escolha de começar o texto pelo início de uma trajetória. Na reportagem de Eliane, a escolha é semelhante: o texto se inicia com o começo do fim de uma vida. Na reportagem de Maria e Karla, o começo do rompimento da barragem, com os tremores de terra. Em *Garimpeiros*, a história começa com o caminho dos garimpeiros para os seus destinos de trabalho. Essa cronologia é constantemente utilizada no jornalismo literário, como uma forma de manter a perspectiva de que há uma história sendo contada.

Uma característica marcante do jornalismo literário e que aqui é utilizada pelo Repórter de Rua como apresentação da reportagem é a utilização do texto em primeira pessoa.

---

Para contar a história destas pessoas, a equipe do Repórter de Rua percorreu mais de 500 quilômetros. Juntos, eu e o fotógrafo José Bezerra visitamos banquetas, galerias e ouvimos histórias de homens que viveram esperando o dia em que as condições de trabalho no lugar fossem melhorar. Cansaram. O que se vê nos olhos de alguns é a desesperança de quem já ouviu promessa demais. Até mesmo falar sobre sua história de vida cansa. (MARCHEZAN, 2014).

Cada retranca da reportagem multimídia *Garimpeiros* é composta por, pelo menos, um vídeo que, além de quebrar a sequência textual, que pode ficar cansativa, fornece ao leitor uma interatividade maior com a temática e com as histórias que vão sendo apresentadas. A produção do Repórter de Rua é uma prova de que sem personagens a importância dada ao texto pode diminuir. Falar da rotina desses trabalhadores e do precário ambiente de trabalho sem ouvi-los seria muito frágil para avaliar os problemas. No entanto, o coletivo vai além e incita a problemática a partir dos garimpeiros, não ao contrário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas três reportagens analisadas é possível verificar uma confluência entre elas: a abordagem temática, que retrata temas pouco aprofundados no que podemos chamar de jornalismo diário ou habitual. Além disso, são temas que, quando propostos pela mídia, são apresentados por fontes oficiais e não por pessoas que vivem, de fato, a problemática.

O texto literário é, antes de tudo, um respeito às fontes e aos personagens. Assim como todo texto jornalístico deve se comportar. Com as análises realizadas neste trabalho, foi possível verificar que a técnica literária propõe profundidade do texto e consequente imersão do leitor nas histórias que estão sendo narradas. Portanto, para atingir esse patamar, o uso dos personagens se apresentou como principal recurso utilizado. A exploração dos diálogos foi recorrente, incluindo os destaques para as declarações na íntegra e as expressões pronunciadas pelos personagens de forma literal.

As figuras de linguagem, por sua vez, também aparecem com frequência. A metáfora, não apenas nas reportagens aqui analisadas, é recurso buscado pela maioria dos textos literários, tendo em vista que amenizam a objetividade e propõe um encontro entre leitor e repórter, muitas vezes facilitando o entendimento do texto. Além disso, esse recurso permite sensibilidade e proximidade com a literatura, mantendo o leitor mais atento e presente em sua leitura.

A característica proposta por Wolfe (2005) de narrar os fatos a partir da ótica dos personagens permite uma aproximação não apenas leitor-reportagem, mas principalmente repórter-personagem. O jornalismo literário das três reportagens apresentadas demonstram que não há necessidade de se construir uma barreira entre o que se pergunta e o que se é respondido. Brum (2013, p. 152), analisa essa relação:

Às vezes me perguntam: você se envolve com as fontes? É óbvio que sim. A gente não entra na vida dos outros impunemente. (Ainda bem). Algumas vezes, essa relação intensa vivida entre repórter e personagem se encerra no fim da matéria. E o que vivemos juntos transforma repórter e personagem, mas os caminhos não se cruzam mais.

Portanto, com o presente artigo conclui-se que as técnicas literárias são utilizadas antes mesmo da produção textual propriamente dita. Ela começa quando surge a primeira proposta para pensar a execução da pauta e vai percorrendo todo o caminho jornalístico até a realização final do texto da reportagem.

## REFERÊNCIAS

- AGUDELO, D. J. **Antología de crónica latinoamericana actual**. Alfaguara: Madrid, 2012.
- BRUM, E. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- BRUM, E. Vítimas de uma guerra amazônica. **El País**. Altamira, setembro 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391\\_549192.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html)>. Acesso em: 5 mar 2017.
- CANAVILLAS, J. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Covilhã: Livros Labcom, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalista e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário: o legado de ontem. In: **Jornalismo literário: o legado de ontem**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.
- LONGUI, R. R; KERLEY, W. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Florianópolis: Brazilian Journalism Research, vol. 1, n. 01, 2015.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCHEZAN, E. Garimpeiros. **Repórter de Rua**. Natal, julho 2014. Disponível em: <<http://www.reporterderua.org/garimpeiros/>>. Acesso em: 5 mar 2017.

SALVO, M. P. de; MENDES, K. A morte do caboclo d'água. **Brio**. [S.l.], janeiro 2011. Disponível em: <<https://medium.com/brio-stories/ato-1-b141fc0ec404>>. Acesso em: 5 mar 2017.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.